
Usos e Abusos da Cultura. Richard Hoggart e a Cultura Viva da Classe Trabalhadora

The Uses and the Abuses of Literacy. Richard Hoggart and the Working-Class Lived Culture

Diogo Silva da Cunha



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cp/861>

DOI: 10.4000/cp.861

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Referência eletrónica

Diogo Silva da Cunha, « Usos e Abusos da Cultura. Richard Hoggart e a Cultura Viva da Classe Trabalhadora », *Comunicação Pública* [Online], Vol.9 nº16 | 2014, posto online no dia 15 dezembro 2014, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cp/861> ; DOI : 10.4000/cp.861

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Usos e Abusos da Cultura. Richard Hoggart e a Cultura Viva da Classe Trabalhadora

The Uses and the Abuses of Literacy. Richard Hoggart and the Working-Class Lived Culture

Diogo Silva da Cunha

Introdução

- 1 Richard Hoggart foi, antes de mais, um filho que nunca deixou de amar os pais e um pai que nunca deixou de ser amado pelos filhos. Oriundo de uma família da classe trabalhadora, Hoggart reivindicava para si uma filiação humanística distante da tradição elitista estabelecida. Depois de uma longa e preenchida vida, de 95 anos, Richard Hoggart faleceu no passado dia 10 de Abril de 2014, num ano fatídico para os estudos culturais, depois da perda de Stuart Hall, colega de Hoggart, a 10 de Fevereiro de 2014, e para a família Hoggart, que perdeu Simon Hoggart, filho de Richard, jornalista no *The Guardian*, no dia 5 de Janeiro do mesmo ano.
- 2 Apesar de tão grandes perdas, 2014 é o ano em que se comemora o 50.º aniversário da fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) da Universidade de Birmingham – marca maior do legado de Richard Hoggart, e que permanece como referência fundamental para o estudo da cultura enquanto forma de “ideologia viva” (*lived ideology*) e como marca da emergência de um novo modelo de inquirição crítica quanto à relação entre produção e consumo de bens culturais. Embora a importância da sua obra não tenha sido esquecida, sendo recordada neste contexto em obituários internacionais (principalmente ingleses, como no *The Telegraph* e no *The Guardian*) e nacionais (nos suplementos culturais do *Público* e do *Expresso*), é altamente relevante para os estudos de comunicação reabilitar as suas ideias no quadro da sociedade generalizadamente mediática de que fazemos parte.

Uma vida preenchida

- 3 Hoggart nasceu no último ano da Grande Guerra (1914-1918), no seio de uma família pobre da classe trabalhadora, em Potternewton, no distrito de Chapeltown da cidade britânica de Leeds. Neto de um caldeireiro e filho de um pintor de paredes combatente na Guerra dos Bóeres (1899-1902) e na Grande Guerra, perdeu cedo os seus pais – o pai devido a brucelose, ou febre de Malta, quando Hoggart tinha um ano, e a mãe de doença cardíaca, quando tinha oito.
- 4 A morte dos pais conduziu a uma abrupta separação entre Hoggart e os seus dois irmãos, e à subsequente divisão das guardas parentais entre vários familiares. Hoggart foi criado por duas tias, um tio, uma avó e um primo mais velho em Hunslet, no sul de Leeds. Depois de ter frequentado a Jack Lane Primary School, conseguiu entrar numa *grammar school*, a Cockburn High School, apesar de ter chumbado no exame *eleven plus*¹. Foi aceite graças ao apoio de um director que, acreditando no seu talento, pediu uma releitura do ensaio com que o jovem inglês concorrera a uma bolsa escolar e insistiu para que a Local Education Authority (LEA) o aceitasse.
- 5 Mais tarde, o Board of Guardians local prestou ajuda a Hoggart para que continuasse a estudar, com vista a obter o seu Higher School Certificate. Não obstante este pequeno sucesso pessoal, no início de um trajecto de mobilidade social ascendente as condições gerais da vida de Hoggart (orfandade, pobreza, loucura da sua tia e alcoolemia do seu primo, longo caminho até à escola, falta de livros em casa, frio, baixa estatura, ansiedade e incerteza quanto às potencialidades da sua capacidade intelectual) conduziram-no a um colapso nervoso, em 1932, no final do semestre de Verão (Inglis, 2014).
- 6 A transição de uma escola pública frequentada por filhos do operariado para uma *grammar school* era um sinal de mudança, porque significaria, desde logo, que Hoggart iria frequentar, um dia, uma universidade. O futuro financiamento através de uma bolsa da LEA permitiria que Hoggart viesse a integrar o Departamento de Inglês na Universidade de Leeds, tornando-se aluno de Bonamy Dobrée, amigo pessoal do poeta inglês Thomas S. Eliot.
- 7 Mas o passado nunca desapareceria. A família deixara-lhe uma marca indelével, como se observa na referência que toma, precisamente, de Eliot para abrir o seu livro notoriamente mais autobiográfico, *A Measured Life: the Times and Places of an Orphaned Intellectual*: “É em casa que se começa” (Eliot *apud* Hoggart, 1994a). Com segurança, aliás, se pode afirmar que a experiência familiar de classe deixou no jovem Hoggart um profundo “sentido de *communis*” (Bailey & Eagleton, 2011, p. 15). Esse sentido começou na imersão numa variada rede de relações familiares e findou num lar de idosos perto da casa do seu filho Paul, com Hoggart e a sua esposa, Mary, imaginando o que já ninguém poderá descrever. Hoggart morreu de doença prolongada, depois de muitos anos com demência senil.
- 8 Do título, *A Measured Life*, aos comentários de recensões na contracapa, o livro que une a trilogia autobiográfica é o melhor dos testemunhos que dão conta de como a família modelou a vida de Hoggart a diversos níveis, começando na questão filosófica do sentido da vida e passando pela questão sociológica da reprodução social, pela sua imaginação e pela sua forma de estabelecer relações interpessoais (Bailey & Eagleton, 2011). A primeira parte da trilogia, *A Local Habitation*, descreve a vida de Hoggart entre 1918 e 1940 e o seu

percurso no circuito familiar, começando pela sombra da morte da sua tia no Hospital de St. James e prosseguindo até à sua partida de Yorkshire para se juntar ao exército. A segunda parte, *A Sort of Clowning*, traça, de 1940 a 1959, a sua vida desde a vivência da guerra em Inglaterra até ao início da sua carreira. Por fim, *An Imagined Life* é a secção dedicada à reflexão final sobre a infância, a juventude e a carreira, centrando-se nos anos de 1959 a 1991.

Os Usos da Cultura

- 9 Depois de servir na II Guerra Mundial, no Norte de África e em Itália, onde ensinou os soldados que aguardavam pela desmobilização, Hoggart juntou-se ao Departamento de Extra-Mural Studies da Universidade de Hull, onde permaneceu até 1959, como tutor de educação para adultos. A sua primeira monografia, *Auden - An Introductory Essay*, publicada em 1951, resultou de uma investigação sobre a obra do poeta W. H. Auden (1907-1973).
- 10 Só seis anos depois, em 1957, é que a sua *opus magnum*, *The Uses of Literacy. Aspects of Working-Class Life with Special Reference to Publications and Entertainments*, foi publicada. O livro, que, no seu entender, por questões editoriais não pôde ter como título *The Abuses of Literacy* (Hoggart, 1994b), foi traduzido redutoramente para francês, como *La Culture du Pauvre*, em 1970, e para português, como *As Utilizações da Cultura*, em 1973. Obra seminal do campo dos estudos culturais, o livro procura estudar as influências da cultura de massas, que emergira no pós-guerra, nomeadamente a difundida pelos meios de comunicação, sobre as classes populares.
- 11 *The Uses of Literacy* divide-se em duas partes: a de “uma ordem ‘mais antiga’” e a de uma ordem em que “o antigo cede lugar ao novo”. Na primeira parte as “forças tradicionais”, como a transmissão oral, as várias figuras da família, a sensação de privacidade do lar e do bairro ou a qualidade das casas habitadas e das roupas utilizadas, são apresentadas como produtoras de uma ordem autêntica, de si para si, e de uma cultura própria - “não há lugar como o lar” (Hoggart, 1957, p. 32). Na segunda parte expõem-se de forma crítica as diferenças culturais que constituem as “atitudes novas”, antagónicas das “forças tradicionais”.
- 12 As “atitudes novas” traduzem a industrialização e a americanização de várias formas culturais. Trata-se de uma crescente indiferença relativamente ao estado das coisas, baseada na crença de que alguém indefinido será agente de mudança. Hoggart diagnostica também uma maior orientação do quotidiano em função do horário de trabalho, sendo os bares de leite (espécie de cafés suburbanos que serviam de espaço para encontro dos jovens da comunidade local) e os cafés os sítios onde os consumos se orientavam para o “puro prazer” (*amusement*), no quadro da “cultura da *juke-box*” ou “cultura dos *milk-bars*”, caracterizada por uma “espécie de podridão espiritual seca por entre o odor do leite fervido” (Hoggart, 1957, p. 204). A completa desregulação do consumo desses jovens fazia-os gastar todo o seu salário nas máquinas de discos e nas bebidas mais baratas (chá em vez de leite, por exemplo).
- 13 Para Hoggart, as “atitudes novas” estão relacionadas, também, com uma condução da liberdade em direcção ao usufruto da pura sensação, e com uma maior variedade de concepções de “democracia”, intimamente ligadas à produção de massas e à autonomização dos processos produtivos. Há um maior amolecimento dos receptores,

através da fragmentação e da personalização dos produtos – processos responsáveis pela morte causada pela excitação contínua exercida pelo entretenimento, o qual não avilta o gosto, mas, sim, o incita.

- 14 Hoggart sublinha também um abandono da escrita como processo criador. Esta passa a ser uma mera correspondência com os sonhos dos públicos: dar-lhes o que querem, eis o novo *ethos* da escrita – “dieta de sensação sem compromisso” (Hoggart, 1957, p. 202). Para Hoggart há, ainda, uma maior competição entre os jornais populares, conducente a constantes mudanças de estilo e à deterioração da qualidade. Tudo é mais rápido, nada é novo, tudo é trivial (até o sexo).
- 15 Embora a música popular não mostre, na investigação de Hoggart, tão nitidamente o efeito da organização comercial moderna, este indica que quase todas as músicas são americanas e que são praticamente constituídas apenas por vocais. Não devemos esquecer que o escopo disponível para Hoggart relativamente à indústria musical era reduzido (e cabe-nos ainda sublinhar que, embora a comercialização de discos se tenha feito desde o início do século XX, e os estereofónicos tenham surgido em 1955, é apenas com o surgimento do disco compacto, na década de 80, que se dá uma grande mudança no registo e no comércio musicais).
- 16 As novas influências representam uma nova ordem, imposta de cima para baixo, contrária ao princípio de comunidade e orientada para fins comerciais. Esta ordem é a dos meios de massa capitalistas e a da cultura de massa comercial – as modernas “instituições do cinismo, da recusa e da distribuição” (Williams, 1960 [1958], p. 353). Embora essas “atitudes novas” fossem perniciosas, por explorarem os instintos básicos da classe trabalhadora, tornando-a passiva e despolitizada, a resistência e a capacidade de adaptação das “forças tradicionais” permitiram que alguns aspectos permanecessem sem mudança (Mattelart & Neveu, 2003, p. 36). A acção destas “forças” permitiu que a massificação da produção não desvirtuasse completamente os domínios mais amplos da vida quotidiana; portanto, nem a classe social foi morta nem o diferencial entre ricos e pobres foi esbatido.
- 17 Não devemos ignorar a argúcia da argumentação de Hoggart ao conceber uma ordem antiga de classe trabalhadora bastante decente. A reduzida referência aos domínios do crime e da política relativamente a esta classe sobrevaloriza o poder das “atitudes novas” e, pelo menos em certa medida, desresponsabiliza-a, como se a sua criminalidade e a sua despolitização fossem consequências puras da mercantilização cultural e não houvesse nenhuma opção de escolha (Brantlinger, 1990, p. 46).

Cultura e Sociedade: da Cultura e Civilização ao Culturalismo

- 18 A atenção que Hoggart deu à classe trabalhadora não foi antagónica perante a sua desconfiança relativamente à industrialização da cultura. O declínio cultural na classe trabalhadora do pós-guerra diagnosticado e criticado na sua obra coloca-o no quadro teórico da tradição “Cultura e Sociedade”, cartografada por Raymond Williams. Williams elaborou o mapa dessa tradição, de 1780 a 1950, de Edmund Burke a George Orwell, com base no princípio segundo o qual a ideia moderna de cultura surgiu no pensamento inglês com a Revolução Industrial, e sendo, portanto, classe, cultura, indústria, democracia e arte coordenadas inseparáveis (Williams, 1960 [1958]). Segundo Patrick Brantlinger,

Hoggart está, no quadro geral da tradição “Cultura e Sociedade”, na longa linha empirista da tradição britânica de observação etnográfica, onde se incluem Henry Mayhew, Charles Dickens, Benjamin Disraeli, Elizabeth Gaskell e Frederick Engels (Brantlinger, 1990, p. 45).

- 19 Embora Hoggart partilhasse das preocupações gerais da tradição “Cultura e Sociedade”, com ele a noção de cultura ganhou um novo lugar no pensamento social. Richard Johnson, o último director do CCCS, cunhou o termo “Culturalismo”, em 1979, para descrever a obra de E. P. Thompson, mas o mesmo termo serve também para descrever os trabalhos de Hoggart, de Williams e do próprio Hall (Storey, 1993, p. 43). O “Culturalismo” provocou uma ruptura com a visão estabelecida da tradição “Cultura e Civilização”, no quadro geral da tradição “Cultura e Sociedade”. A doutrina da “Cultura e Civilização” foi desenvolvida na revista de literatura *Scrutiny: A Quarterly Review*, fundada em 1932 por L.C. Knights e F.R. Leavis.
- 20 Este tipo de crítica literária remonta à obra de Matthew Arnold, que, sob o traçado de Samuel Taylor Coleridge, estabeleceu a agenda do debate que opôs cultura a anarquia, o qual permaneceu até 1950. Numa crítica romântica do industrialismo, para Arnold a anarquia era sinónimo daquilo a que se chama cultura popular (que para ele não era sequer cultura), vista como “natureza disruptiva da cultura viva da classe trabalhadora”, cabendo à cultura uma função de vigia sobre a presença disruptiva da anarquia (Storey, 1993, p. 22). A cultura, em termos de arranjo conceptual, corresponde à “capacidade de conhecer o melhor”, ao “melhor”, à “aplicação mental e espiritual do que é melhor” e à “busca do que é melhor” (Storey, 1993, p. 22). A principal preocupação de Arnold não está nos produtos culturais, mas na ordem social. Nesse sentido, a anarquia (a cultura popular) corresponde a uma desordem política, sendo rejeitada, assim, a noção reivindicativa de política enquanto protesto e oposição, num apoio elitista à autoridade estabelecida e à ordem dominante (Storey, 1993).
- 21 A partir da “política cultural” de Arnold, F. R. Leavis iniciou uma crítica à standardização e à redução de nível dos produtos culturais da década de 30. Na verdade, os séculos XIX e XX são caracterizados como tempos de desintegração cultural, originados pelas possibilidades comerciais trazidas pela Revolução Industrial. A desintegração seguiu-se a uma era de ouro de um passado rural (mítico) de coerência cultural, como o período isabelino, no qual surgiu o teatro de Shakespeare, baseado em princípios autoritários e hierárquicos (Storey, 1993).
- 22 Embora Hoggart tivesse em comum com a “Cultura e Civilização” a visão da natureza disruptiva dos meios de comunicação modernos e da cultura massificada, e, como Leavis, partisse de um padrão de crítica literária para a análise da cultura, a sua noção desta era amplamente distinta. Hoggart procurou livrar-se da assunção tácita de que os recursos culturais são limitados e de que o universo moral dos receptores da classe trabalhadora é restrito (Hall, 2008). Esta classe tem, assim, para Hoggart, a sua própria cultura, enquanto “práticas de ‘fazer sentido’” (Hall, 2008, p. 7). A definição de classe trabalhadora (que empiricamente estava muito centrada no operariado de Leeds) esquiva-se, deste modo, à “atitude romântica”, que tem uma definição gloriosa de classes enquanto exaltação do passado (Hoggart, 1957, pp. 15-17).
- 23 Ainda que não lhe tenha sido conferida pela tradição literária, nem tenha sido unificada, a cultura da classe trabalhadora é tão complexa e rica como a cultura defendida pelo elitismo, o que implica que os efeitos dos meios de comunicação modernos sobre esta classe não sejam absolutos, como que preenchendo recipientes vazios ansiosos por

ficarem completos (Hall, 2008). Na sua lição inaugural em Birmingham, em Fevereiro de 1963, intitulada “Schools of English and Contemporary Society”, Hoggart deixara claro que aos investigadores faltava humildade para observar, *de facto*, aquilo que os receptores retiravam dos meios, o que requeria, a seu ver, uma certa paixão pela arte popular (Owen, 2008).

- 24 O “Culturalismo” surge deste modo como uma abordagem que analisa “as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura”, com ênfase sobre o “agenciamento humano”, ou seja, sobre a “produção activa de cultura, em vez do seu consumo passivo” (Storey, 1993, p. 44). É neste sentido que se afirma que, nas palavras de Hall, sem Hoggart nunca teria havido CCCS, e sem o *The Uses of Literacy* não haveria estudos culturais, pois é Hoggart o responsável pela “viragem cultural” (*cultural turn*) nas ciências sociais e humanas – isto é, pela centralidade discursiva e disciplinar da cultura enquanto mediadora de tudo, como “categoria primária e constitutiva de análise” (Hall, 2008, p. 3). Isto implica que o foco de observação seja colocado nas práticas locais constitutivas da estrutura do quotidiano e constituídas nesta (Lewis, 2002).

Centro para Estudos Culturais Contemporâneos

- 25 Em 1964, Hoggart fundou o CCCS, enquanto leccionava Inglês Moderno. Na sua já referida lição inaugural, estabeleceu o programa do CCCS através da circunscrição de três grandes áreas de investigação. Primeiro, aquela que denominou área “histórica e filosófica”, a qual diz respeito ao estudo das ideias, da sua mudança e da sua interacção ao longo do tempo. Em segundo lugar, o que designou por área da “sociologia da literatura e artes”, que indaga sobre a significação social e artística dos produtos culturais e sobre as audiências e a influência dos meios de comunicação quanto a estas, através de uma abordagem que combina crítica literária, sociologia, psicologia social e história social. Por fim, surge a área a que deu o nome de “crítico-avaliativa”, a qual, nos âmbitos da sociologia e da psicologia social, questiona os significados imaginados, as atitudes sociais e as qualidades estéticas e culturais da arte de massa e da arte e cultura populares, incluindo ficção popular, imprensa, cinema e televisão, música e publicidade (CCCS, 1964).
- 26 Embora a implementação do centro tenha sido lenta, devido à marginalidade institucional dos seus fundadores, às limitações financeiras e à falta de legitimidade académica (advinda da desconfiança dos colegas investigadores de questões culturais, demasiado presos, nomeadamente, à visão elitista de cultura), os anos de 1964 a 1980 podem ser considerados como a “primavera” dos estudos culturais (Mattelart & Neveu, 2003, p. 47).
- 27 Isto não significa, porém, que a fundação e o programa do CCCS traduzam uma origem absoluta dos estudos culturais; a sua agenda inicial parte, aliás, da crítica literária própria da tradição “Cultura e Civilização” (Brantlinger, 1990). Os textos fundacionais dos estudos culturais britânicos – *The Uses of Literacy*, de Hoggart, *Culture and Society* e *The Long Revolution*, de Williams, e, também, o já mais tardio *Making of the English Working Class*, de Thompson – continuaram a fazer parte da tradição “Cultura e Sociedade”, embora já não fossem parte da “Cultura e Civilização”. O que está em causa é que, enquanto instituição-chave no processo de institucionalização dessa nova disciplina, o CCCS estabeleceu novas configurações para elementos já existentes, num jogo de continuidades e descontinuidades entre disciplinas (Turner, 1992; Hall, 2005 [1980]; Hall, 2005 [1996]).

- 28 Mas na década de 60 Hoggart não esteve apenas mergulhado no trabalho académico, fechado entre quatro paredes. Pelo contrário: interveio por diversas vezes na esfera política. Em 1960, surgiu como testemunha de defesa frente ao Ministério Público no processo levantado, por obscenidade, através do Obscene Publications Act de 1959, contra o livro *Lady Chatterley's Lover*, de D. H. Lawrence, publicado pela Penguin Books. O depoimento prestado por Hoggart, que durante o julgamento defendeu que o trabalho de Lawrence era puritano (em vez de obsceno, como argumentava a acusação) e detentor de grande qualidade literária, foi replicado na dramatização do julgamento feita numa série da BBC de 2006, com David Tennant no papel de Hoggart. A posição que este manteve foi a de que o livro não era senão resultado de um “puritanismo não-conformista britânico” (Hoggart, 1997). Em 1961, o livro de Lawrence foi publicado com uma introdução redigida por Hoggart.
- 29 O papel político de Hoggart era, deste modo, o de servir a cultura na esfera pública. Isto é também bastante evidente no período entre os anos de 1960 e 1962, em que Hoggart fez parte do Pilkington Committee on Broadcasting, cujo relatório de 1962 permitiu a criação da BBC2 (Jerónimo, 2014). Hoggart defendeu uma concepção cultural de serviço público, atenta às diferenças no acesso à informação e na compreensão dos elementos radiofónicos, contra a concepção económica, defendida, por exemplo, por Margaret Thatcher, a cujo estilo de política dogmática Hoggart se opusera; parece, aliás, que Thatcher está por detrás do despedimento de Hoggart do Arts Council of Great Britain, onde esteve como vice-presidente até 1981 (Bailey, Clarke & Walton, 2012).
- 30 Mais tarde, nos inícios dos anos 70, Hoggart abandonou o CCCS para ser director-adjunto da UNESCO, em Paris, onde exerceu actividades de 1970 a 1975, das quais resultou um livro que publicou em 1978 – *An Idea and its Servants: UNESCO from Within*. Neste livro, não só descreveu as políticas internas da organização como também criticou os seus pontos menos fortes, quer no que respeita ao cumprimento da missão organizacional quer no que tem que ver com a máquina burocrática (Hoggart, 1978).

Estudos Culturais

- 31 Quando, em 1976, Hoggart regressou a Inglaterra, para dar aulas no Goldsmiths College de Londres – cujo principal edifício foi renomeado, em 2006, Richard Hoggart Building –, onde permaneceu até à sua reforma, em 1984, estava já distanciado dos desenvolvimentos dos estudos culturais dos anos 80.
- 32 Na sua investigação sobre a classe trabalhadora, Hoggart não tinha apenas rompido com o romantismo da tradição “Cultura e Civilização”, mas também com a tradição marxista. Para Hoggart, nenhuma das duas oferecia uma noção de classe centrada na sua cultura particular. Já a tradição “Cultura e Civilização”, segundo Hoggart, oferecia uma noção gloriosa de classe enquanto exaltação de um passado a que se deveria retornar (Hoggart, 1957, pp. 15-17). A tradição marxista, especialmente através da noção de classe média, conceptualizava, segundo Hoggart, a classe trabalhadora como unidade explorada, indefesa, socialmente determinada pelo seu estatuto económico, e, portanto, como uma unidade que deveria ser protegida pela sociedade (Hoggart, 1957, pp. 15-17).
- 33 Este desvio de uma preocupação com o poder em termos de economia política pode ter sido verdadeiro em Hoggart, mas os restantes autores do CCCS viriam a recuperar noções marxistas de análise social, principalmente de inspiração francesa. Williams e Thompson

defenderiam uma visão de história social com base em lutas entre cultura e economia, procurando, no entanto, escapar a uma noção de cultura economicamente determinada pela base material constituinte da sociedade (Mattelart & Neveu, 2003).

- 34 Estas visões desenvolveram-se no quadro da na altura recém-surgida Nova Esquerda, na década de 60. Na origem desta renovação do pensamento socialista estão uma desilusão geral pelas promessas incumpridas do modelo comunista (em particular, destaque-se que Williams tenha abandonado o Partido Comunista) e um mal-estar cultural (no sentido culturalista de pertencer) sentido por jovens em mobilidade social ascendente, que não estavam preparados para viverem condições de classe distintas das daquelas de que eram originários (Mattelart & Neveu, 2003). Para articular o novo pensamento esquerdista surge em Inglaterra, em 1960, a revista *New Left Review*, de que Thompson é, precisamente, um dos fundadores, e na qual são publicados vários artigos dos investigadores do CCCS, inclusivamente do próprio Hoggart.
- 35 O que o marxismo dos estudos culturais britânicos pretende fazer é um desvio da teoria marxista mecanicista, economicamente determinada, através de um marxismo crítico ou “marxismo sociologizado” – isto é, questionando as modalidades concretas nas quais a estrutura económica é incorporada e nas quais os receptores lhe resistem (Mattelart & Neveu, 2003, p. 64-67).
- 36 A partir do momento em que a cultura foi problematizada relativamente ao poder, os culturalistas evidenciaram uma necessidade de repensar a teoria. Em 1976, Hall apresentará uma investigação que defende a tese de que os estudos culturais britânicos vivem em estreita dependência do pensamento francês. Assim, serão importadas noções do estruturalismo francês, de Claude Lévi-Strauss e Roland Barthes, do marxismo heterodoxo alemão, de Walter Benjamin e Berthold Brecht, e do marxismo de vanguarda de língua francesa de Louis Althusser (Brantlinger, 1990).
- 37 A cultura repensada à luz da problemática do poder conduz à importação de cinco noções estruturantes para os estudos culturais britânicos. Apresentá-las-emos de forma sumária, a partir de várias fontes secundárias (Brantlinger, 1990; Mattelart & Neveu, 2003; Storey, 1993). A primeira é a de ideologia (noção tão central que o americano James Carey considerou que esses estudos podiam receber o nome de “estudos de ideologia” (Carey *apud* Storey, 1993, p. 2)), utilizada por Marx enquanto um corpo de ideias, sistemas de valor e representações, que incorpora as relações de dominação da classe dominante sobre a dominada. É usada por Barthes enquanto um “mito”, ou seja, uma linguagem falsamente natural, que serve de veículo, através de um processo de conotação, a uma intenção que se naturaliza e se apresenta disfarçada de facto. Althusser utiliza o conceito de ideologia mais virado para práticas ideológicas, como hábitos e rituais, que fazem a manutenção da ordem social.
- 38 A segunda noção estruturante é a de hegemonia. Este conceito foi formulado pelo teórico marxista italiano António Gramsci nos anos 30. Trata-se de os grupos dominantes construírem poder, num processo de controlo intelectual e moral, através do consentimento dos dominados relativamente aos valores da ordem social.
- 39 A terceira noção é a de resistência. O conceito evidencia a não-passividade dos receptores. Estes não são vistos como “idiotas culturais”, na expressão conhecida de Clifford Geertz (Geertz *apud* Mattelart & Neveu, 2003, p. 62). A noção de resistência era já utilizada por Hoggart contra a ideia de consumo passivo. Articulada com a ideia de incorporação, sublinha o carácter negocial do consumo, no qual nem as ideias nem as práticas são

simbolicamente assimiladas verticalmente (nem de cima para baixo, nem de baixo para cima), sendo-o sim num sentido próprio e localmente situado.

- 40 A quarta e quinta noções estruturantes estão intimamente associadas: trata-se da identidade e da representação. Os colectivos (geração, género, etnicidade, sexualidade, etc.) são constituídos por indivíduos que constroem intersubjectivamente a sua identidade. A questão aqui é a de como é que esses colectivos são representados. A ideia de representação, como a de ideologia, “aponta para a natureza *política* de toda a cultura e discurso” (Brantlinger, 1990, p. 104).
- 41 Assim sendo, os estudos culturais britânicos, que em Hoggart se moveram através da metodologia da crítica literária, ganharam novos contornos nos seus contemporâneos e nas seguintes gerações do CCCS. Acabariam por se centrar em estudos feministas e pós-coloniais, étnicos e antropológicos, comunicacionais e mediáticos, relegando para um plano secundário a área de que emergiram, a da crítica textual e de estudos literários (Aguilar e Silva, 2008).
- 42 Mais do que uma disciplina pura e estabelecida, os estudos culturais seriam um campo interdisciplinar com várias metodologias, como as da etnografia, da semiologia, da história social, da análise de discurso ou dos estudos de recepção, audiências e consumo. Na contemporaneidade, as referências dos estudos culturais são bastante variadas.
- 43 Seguindo John Storey, as principais referências viriam de vários marxismos, como o da Escola de Frankfurt (com figuras como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Leo Lowenthal e Herbert Marcuse), como o de, Mikhail Bakhtin, Lucien Goldmann e György [Georg] Lukács, mas também como o dos já referidos Althusser, Gramsci e Benjamin. As referências viriam também da psicanálise – mais do que de Sigmund Freud, de Jacques Lacan, Laura Mulvey e Slavoj Žižek. Outras referências viriam do estruturalismo e do pós-estruturalismo, dos já referidos Lévi-Strauss e Barthes, mas também de Ferdinand de Saussure, Will Wright, Michel Foucault, Christian Metz, Jacques Derrida ou Julia Kristeva. Há ainda referências de vários feminismos e de crítica racial, e estão também presentes os autores da teoria social pós-moderna, como Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard ou Frederic Jameson.

Linguagem, *media* e sociedade

- 44 Apesar das mudanças de perspectiva dos estudos culturais britânicos, Hoggart continuaria as suas investigações. O seu penúltimo livro, *Everyday Language & Everyday Life*, resulta da percepção de que grande porção do discurso quotidiano não se articula através de frases inteiras mas de saltos entre frases feitas, o que conduz à necessidade de estudar epigramas, adágios, aforismos, apotegmas e outros ditos inscritos naquilo a que Hoggart chama “linguagem-cultural” (*cultural-language*) (Hoggart, 2003, p. 97). Devemos recordar que já tinha feito um estudo inacabado das mudanças nas maneiras de falar, através da análise de sotaques e entoações, em *The Uses of Literacy*.
- 45 A noção de “linguagem-cultural”, ainda que não elaborada teoricamente, remete para uma questão já anteriormente tratada por Hoggart: a de a linguagem não ser *classless*, ou seja, a de haver padrões característicos dos grupos sociais de que o sujeito enunciador faz parte. A insistência norte-americana no igualitarismo produz, segundo Hoggart, uma série de expressões transmissoras da ideia de ausência de classe, inclusivamente em

- termos expressivos. Essa ideia serve de “cinto de segurança” às classes médias, conquanto seja frágil, como que feito de “papel prensado” (Hoggart, 2003, p. 162).
- 46 Numa estrutura conceptual semelhante à utilizada em *The Uses of Literacy*, Hoggart verifica um enfraquecimento das instituições tradicionais, nomeadamente naquelas que faziam a manutenção do estilo antigo de divisão de classes sociais, mas considera que essas forças continuam a ter muito peso, nomeadamente no que diz respeito à noção de lar enquanto local de pertença (quer seja o porão de uma habitação, quer seja uma freguesia, o lar é onde nos sentimos em casa).
- 47 Mas novas forças fizeram emergir novas divisões estatutárias, e a “energia emocional” previamente despendida na manutenção das antigas divisões de classes parece ter sido transferida para a manutenção dessas novas divisões (Hoggart, 2003, p. 171). Esta emergência, com uma dimensão expressiva associada, é bem visível nos sistemas de educação, saúde e comunicação social. A vulgaridade e a sexualidade, por exemplo, são expressas sem cuidado pela vida intelectual, sem gosto, sem uso de eufemismos. Para o acto sexual, estes parecem ter-se reduzido ao “fazer sexo”, enquanto expressão sóbria para falar do assunto; no entanto, palavras simples podem ser impressos ou expostos em qualquer meio de comunicação social (Hoggart, 2003, p. 113). O pouco cuidado tido com a língua inglesa, no quadro da constituição de maneiras de falar específicas através do processo massificado de mediatização, e particularmente do apagamento de Shakespeare dos *curricula* britânicos, obriga Hoggart a considerar que as teses de Arnold, da tradição “Cultura e Civilização”, ainda têm algum sentido.
- 48 Os *media* são analisados por Hoggart, portanto, numa perspectiva de massificação, na qual o relativismo é a atitude prevalecte, expressando-se no populismo e no anti-individualismo de gostos e de opiniões. Note-se que Hoggart já se tinha dedicado ao tema do relativismo num livro intitulado *The Tyranny of Relativism: Culture and Politics in Contemporary English Society*, publicado em 1995. Para ele, o principal “idioma” do relativismo tem a forma de *sound-bites* (Hoggart, 2003, p. 176), tendo a maior parte destes resultado da produção de “formas pré-fabricadas de discurso” através da acção dos meios de massa (Hoggart, 2003, p. 6). Estes querem ser a voz de uma audiência acrítica e sem “gosto popular”: “Os entrevistadores dos programas vêem-se a si mesmos como ‘a voz do homem comum’, o que é um mito redutor; o seu ‘homem comum’ é muitas vezes uma pessoa vulgar inventada” (Hoggart, 2003, p. 173).
- 49 O relativismo acaba por se traduzir na crença paradoxal de que não existe crença nenhuma. A medida das coisas é dada sem originalidade, com “ausência de face” (*facelessness*), e o que importa é aquilo de que se fala – a melhor resposta à pergunta “Está toda a gente a falar sobre isso?” é “E então?” (Hoggart, 2003, pp. 176-177).
- 50 No seu último livro, *Mass Media in a Mass Society*, no qual examina os meios de comunicação de massa enquanto canal de mudança cultural, Hoggart faz equivaler várias classificações da sociedade actual: sociedade de massas, de comunicações, de consumo, de mercadorias, populista e relativista. Nesta obra, procura mostrar como, se bem que os *media* tenham um valor inestimável, graças às facilidades e aos auxílios práticos que nos oferecem, é um mito considerar que nos ajudam intrinsecamente a chegar a um entendimento mútuo, visto que o “conhecimento” (*knowledge*) a que podemos chegar através do suporte, da ordenação e da avaliação da informação que nos é providenciada pelo consumo dos meios não é necessariamente sinónimo de “sabedoria” (*wisdom*) (Hoggart, 2004, pp. 1-2).

- 51 A realidade contradiz esse mito, porque a sociedade contemporânea é uma sociedade de consumo ou de mercadorias devido à conjugação de uma série de processos de mudança suportados pela sensação de classe (conquanto, no nível expressivo, seja afirmado, por vezes, o fim das classes) e pela existência de uma maioria populacional pouco instruída: a secularização das figuras de autoridade; o aumento das possibilidades de escolha individual; a prosperidade económica, capaz de contrariar as leis da reprodução social e de ampliar a energia emocional despendida em comprar; a ideia de escolha individual que passa através das novas tecnologias, especialmente as de comunicação; e um “capitalismo difuso”, resultante da vivência no quadro de uma democracia comercial (Hoggart, 2004, p. 1-23).
- 52 Nesta sociedade, os grandes persuasores são os anunciantes, os profissionais de relações públicas e os responsáveis pelos patrocínios. O jornalismo exercido numa sociedade deste tipo, para Hoggart, perdeu valor em função da defesa de ideais falsamente democráticos, segundo os quais se não se der ao público aquilo que ele deseja se incorre num exercício antidemocrático, o que conduz, não só no campo jornalístico mas também no audiovisual, a um tipo de censura que, em vez de banir, sugere e influencia, através de ocultação ou implicação – aquilo a que se chama censura moderna.

Conclusão

- 53 Hoggart foi um homem ambivalente, um conservador (relativamente às instituições tradicionais) contra o elitismo (relativamente a uma cultura pensada na vertical), um amante da cultura popular (nos seus valores tradicionais) contra a cultura dos “juke-box boys” (na sua despolitização moderna). A sua obra deixa vestígios mais do que suficientes para deslocar o cientista social das esferas contemporâneas tomadas pelas grandes tendências, como a da financeirização da economia, a da leitura puramente quantificada do social e a do gnosticismo tecnológico, retirando-o desses espaços de alteridade não-humana, em que o homem surge desumanizado, despolitizado ou mesmo apolítico, num mundo pós-humano, para o recolocar no quadro de uma visão em que a cultura é uma forma de “ideologia vivida” (*lived ideology*), transversal à nossa experiência do mundo, constituinte dos textos e práticas do nosso quotidiano e constituída nestes, e que surge como ferramenta para a sua inquirição crítica, e, conseqüentemente, como instrumento de transformação social.

BIBLIOGRAFIA

Aguiar e Silva, V. (2008) Genealogias, Lógicas e Horizontes dos Estudos Culturais. In Goulart, R., Fraga, M. & Meneses, P. O Trabalho da Teoria. Actas do Colóquio em Homenagem a Vítor Aguiar e Silva. Ponta Delgada, Universidade dos Açores, pp. 243-269.

Bailey, M.; Clarke, B. & Walton, J. K. (2012) Understanding Richard Hoggart: A Pedagogy of Hope. Chichester, Wiley-Blackwell.

- Bailey, M. & Eagleton, M. ed. (2011) *Richard Hoggart: Culture and Critique*. Nottingham, Critical, Cultural and Communications Press.
- Brantlinger, P. (1990) *Crusoe's Footprints. Cultural Studies in Britain and America*. Nova Iorque e Londres, Routledge.
- CCCS (1964) *Centre for Contemporary Cultural Studies, First Report*. Birmingham, University of Birmingham.
- Hall, S. (2008) *Richard Hoggart, The Uses of Literacy and The Cultural Turn*. In Owen, S. ed. *Richard Hoggart and Cultural Studies*. Londres, Palgrave Macmillan, pp. 20-32.
- Hall, S. (2005 [1996]) *Cultural Studies and Its Theoretical Legacies*. In Morley, D. & Chen, K. ed. *Stuart Hall. Critical Dialogues in Cultural Studies*. Londres e Nova Iorque, Routledge, pp. 261-274.
- Hall, S. (2005 [1980]) *Cultural Studies and the Centre: some problematics and problems*. In Hall, S. et. al, ed. *Culture, Media, Language. Working Papers in Cultural Studies, 1972-79*. Londres e Nova Iorque, Routledge and Centre for Contemporary Cultural Studies.
- Hall, S. (1990) *The Emergence of Cultural Studies and the Crisis of the Humanities. The Humanities as Social Technology*, Vol. 53, October, pp. 11-23.
- Hoggart, R. (2004) *Mass Media in a Mass Society: Myth and Reality*. Londres, Continuum.
- Hoggart, R. (2003) *Everyday Language & Everyday Life*. New Brunswick e Londres, Transaction Books.
- Hoggart, R. (1998 [1995]) *The Tyranny of Relativism: Culture and Politics in Contemporary English Society*. Londres, Chatto and Windus.
- Hoggart, R. (1997) *O crônico medo da anarquia*, in *Folha Online [Internet]* Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/22/1997112303.html> [Consult. a 23 de Julho de 2014].
- Hoggart, R. (1994a) *A Measured Life: the times and places of an orphaned intellectual*. New Brunswick, NJ, Transaction Books.
- Hoggart, R. (1994b) *The Abuses of Literacy*. *RSA Journal*, Volume 142, No. 5451, pp. 32-42.
- Hoggart, R. (1978) *An Idea and its Servants: UNESCO from within*. Nova Iorque, Oxford University Press.
- Hoggart, R. (1957) *The Uses of Literacy: Aspects of Working-Class Life with special reference to publications and entertainments*. Londres, Chatto and Windus.
- Inglis, F. (2014) *Richard Hoggart: Virtue and Reward*. Cambridge, Polity Press.
- Jerónimo, M. B. (2014) *Richard Hoggart (1918-2014): contra a cultura do algodão-doce*, in *Cultura-Ípsilon*. [Internet] Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/richard-hoggart-19182014-a-defesa-intransigente-de-uma-literacia-critica-1632954#/0> [Consult. a 23 de Julho de 2014].
- Lewis, J. (2002) *Cultural Studies: The Basics*. Londres, Sage.
- Mattelart, A. & Neveu, E. (2003) *Introducción a los Estudios Culturales*. Barcelona, Paidós.
- Mexia, P. (2014) *Decência Indecente*. *Expresso*, Suplemento Actual de 10 de Maio de 2014, p. 3.
- Moran, J. (2006). *Milk Bars, Starbucks and The Uses of Literacy*. *Cultural Studies*, vol. 20, Issue 6, pp. 552-573.
- Owen, S. (2008) *Re-Reading Richard Hoggart: Life, Literature, Language, Education*. Newcastle, UK, Cambridge Scholars.

Steele, T. (1997) *The Emergence of Cultural Studies, 1945-1965: Cultural Politics, Adult Education and the English Question*. Londres, Lawrence & Wishart.

Storey, J. (1993) *An Introductory Guide to Cultural Theory and Popular Culture. An Introduction*. Hertfordshire, UK, Harvester Wheatsheaf.

Turner, G. (2003) *British Cultural Studies: An Introduction*. Londres, Routledge.

Williams, R. (1960 [1958]) *Culture and Society 1780-1950*. Nova Iorque, Anchor Books.

NOTAS

1. Os exames *eleven plus* são instrumentos britânicos de avaliação sumativa externa que têm como objectivo distinguir os examinandos pelas suas competências académicas, em disciplinas como o inglês e a matemática, de modo a poderem transitar do ensino primário para uma *grammar school*. A designação do exame deriva da idade que geralmente os estudantes têm quando fazem a avaliação – onze anos.

AUTOR

DIOGO SILVA DA CUNHA

Faculdade Ciências, Universidade Lisboa

cunhadiogo15@gmail.com